



ATERRO SANITÁRIO DO OESTE UM PROBLEMA AGRAVADO

A Alambi acompanhou recentemente os últimos acontecimentos relacionados com o Aterro Sanitário do Oeste (ASO), tendo visitado o local e ouvido as explicações dadas pelo Sr. Secretário de Estado, respeitantes ao mau funcionamento desta infra-estrutura.

O aterro tem um grave problema de concepção e funcionamento dos alvéolos, tal como do sistema de tratamento de lixiviados, mas os problemas do seu funcionamento de forma nenhuma podem ser reduzidos exclusivamente a más opções de projecto, construção ou gestão.

Lembramos que o **aterro foi construído sobre o maior aquífero da região Oeste**, em terrenos que por via desse facto têm 63% da sua área integrada na REN, e que em alguns locais o nível freático está apenas a 60 cm abaixo do nível do solo. Estas condições específicas do local agravam severamente as deficiências construtivas, e evidenciam claramente que a má localização desta infra-estrutura é um problema que não pode ser ignorado.

Em face da situação actual, em que **um dos alvéolos se encontra inundado de água contaminada**, tornou-se claro que o problema não está apenas na água que se acumula directamente das chuvadas, mas que a subida do nível freático, ocorrida com o Inverno, terá provocado roturas nas telas, ou aproveitado roturas já existentes, para inundar um dos alvéolos, havendo já indicações que tenha ocorrido contaminação de solos e do próprio aquífero sobre o qual o aterro se encontra implantado.

Segundo dados publicados pelo Instituto dos Resíduos, a produção de resíduos urbanos nos 14 concelhos da Região Oeste, no ano de 1999 foi de 148 006 toneladas. No entanto a Associação de Municípios do Oeste, no projecto que apresentou a Bruxelas, apontou uma projecção anual de 140 000 toneladas entre 2001 e 2014, sem qualquer crescimento. Esta proposta, nada realista, tinha como **objectivo fugir à realização de um EIA, obrigatório para estimativas anuais superiores a 150 000 toneladas**. Os dados actuais apontam para a entrada no aterro, entre Janeiro e Outubro, de 160 000 toneladas, sendo de prever que até final do ano a entrada ronde as 200 000 toneladas. Verifica-se agora a conveniência da realização de um Estudo de Impacte Ambiental (EIA).

Tal como a Alambi referiu em Dezembro de 1999, no seu primeiro comunicado sobre o assunto, **uma má solução não só não resolveu o problema, como criou um problema maior**. A lamentável situação em que se encontra o Aterro Sanitário do Oeste, menos de um ano após a sua inauguração, vem dar razão àqueles que sempre manifestaram dúvidas acerca da sua localização, e mostra que ter reduzido as manifestações locais a um mero problema bairrista, quando não mesmo a fundamentalismo ambientalista, como fizeram as entidades responsáveis pela construção do aterro, foi entrar grosseiramente pelo caminho mais cómodo. **Importa pois que esta situação não seja branqueada e que se apurem todas as responsabilidades**.

Alenquer, 19 de Dezembro de 2002
A Direcção da ALAMBI